

Impactos do conflito Rússia-Ucrânia para a hegemonia do dólar

Júlia Leal e Luiz Fernando de Paula

Após a crise financeira de 2008, o governo chinês decidiu impulsionar a internacionalização de sua moeda Renminbi ('a moeda do povo')



Redação jornalggn@gmail.com

Publicado em 21 de abril de 2022, 8:29



Blog: Democracia e Economia

Os Estados Unidos detêm o predomínio militar, cultural e financeiro sobre o resto do mundo. Como resultado, conseguem formular políticas de acordo com os objetivos domésticos e suas ações reverberam sobre as demais nações, se aproveitando do fato de ser emissor de uma moeda de aceitação internacional, naquilo que ficou conhecido como “privilégio exorbitante”. Por outro lado, a China, enquanto segunda maior economia mundial, possui um papel crucial nos fluxos de comércio e vem aumentando cada vez mais sua relevância nos mercados financeiros. Após a crise financeira de 2008, o governo chinês decidiu impulsionar

a internacionalização de sua moeda. Renminbi ('a moeda do povo') é o nome oficial da moeda da China, enquanto o iuane é a sua unidade de conta. Existia a estratégia de estabelecer gradualmente uma outra moeda de reserva, que pudesse competir com o dólar e reestruturar o Sistema Monetário Internacional (SMI). Assim, a instabilidade sistêmica provocada pela crise financeira iniciada nos Estados Unidos em 2007/08 foi a engrenagem necessária para expandir o uso do renminbi (RMB).

O atual conflito entre Rússia e Ucrânia parece ser mais um impasse entre Casa Branca e Kremlin. Desde o início da invasão das tropas russas ao território ucraniano, Joe Biden vem liderando uma série de sanções, com impactos econômicos observados não só na Rússia, mas como em toda a economia global. Entre as sanções econômicas adotadas pelos Estados Unidos contra a Rússia, estão o congelamento de parte das reservas cambiais (cerca de US\$ 300 bilhões dos US\$ 630 bilhões das reservas do país) e a exclusão dos bancos russos do SWIFT, sistema de pagamentos entre instituições financeiras coordenados pelos bancos centrais das dez maiores economias do mundo. Apenas nos dias 28/2/22 e 01/03/22, o rublo desvalorizou cerca de 30%, obrigando o banco central russo a elevar sua taxa de juros de 9,5% para 20% a.a.[\[1\]](#).

A China possui estreitas relações com a Rússia, em particular no que se refere a adoção de uma postura antagônica em relação aos Estados Unidos. Em termos do comércio exterior, a China se consolidou como o principal destino para as exportações (cerca de 15% em 2019), sendo a Rússia a segunda mais importante fonte de petróleo para a China. Dentre as parcerias entre esses dois países, pode-se destacar a Organização para Cooperação de Xangai (OCX), que foi criada em 2001 com o objetivo de fortalecer a integração regional entre os países membros (China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão), promovendo uma cooperação política, econômica, comercial, tecnológica e cultural. Além disso, a organização busca estabelecer uma nova ordem política e econômica internacional.[\[2\]](#) Com efeito, a OCX representa uma proteção contra a influência norte-americana.

Vale destacar que alguns movimentos importantes estão ocorrendo. A Arábia Saudita está em um processo de negociação com a China para fixar parte das vendas de petróleo em iuane, a unidade de conta da moeda chinesa. Nesse sentido, contratos futuros de petróleo poderão ser denominados em iuane.[\[3\]](#) Esta é uma clara tentativa de reduzir a predominância do dólar no mercado petrolífero, uma vez que a Arábia Saudita – maior exportadora de petróleo para China – não está satisfeita com a geopolítica adotada pelos norte-americanos. A efetivação dessa iniciativa poderá aprofundar o maior uso da moeda chinesa e será mais um espaço de concorrência direta com o dólar. No entanto, esta aproximação ainda estará longe de derrubar o favoritismo do dólar nas negociações globais. Além disso, como resposta às sanções impostas à Rússia, Vladimir Putin decidiu não aceitar pagamentos em dólar ou euro pelo fornecimento de petróleo e gás aos EUA e aos países membros da União Europeia, esses bastante dependentes da Rússia no fornecimento de gás.

De fato, apesar de ser uma boa aposta para se consolidar como uma moeda internacional, o RMB ainda possui um papel limitado. O paradoxo da internacionalização do RMB caracteriza-se pelo fato de a China adotar medidas para aumentar o uso internacional de sua moeda ao mesmo tempo que mantém controle de capitais e um sistema financeiro ainda pouco desenvolvido e controlado pelo governo. O RMB vem sendo bastante utilizado em transações internacionais, a despeito da política de controle de capitais, mas a economia chinesa possui alguns entraves para consolidar a internacionalização, como a estrutura de seu sistema financeiro e a política de controle da conta capital, que impõe restrições à entrada e saída de fluxos financeiros externos. Portanto, a moeda chinesa poderá ser capaz de desbancar outras como libra e iene, mas o dólar ainda será, pelo menos no futuro próximo, a moeda dominante do atual sistema monetário e financeiro internacional.

Assim, o mundo parece caminhar a longo prazo para uma “nova ordem mundial financeira”, com Estados Unidos e China disputando, lado a lado, sua hegemonia monetária. Para avançar na internacionalização de sua moeda, a China precisa flexibilizar ainda mais suas normas sobre controle de capitais, intensificar a regulamentação das instituições financeiras, revisão da política cambial, entre outras medidas. Ainda há um longo caminho a ser percorrido!

Júlia Leal – Doutoranda em Economia pela UFRJ e pesquisadora associada ao Finde/UFF

Luiz Fernando de Paula – Professor de Economia do IE/UFRJ, coordenador do GEEP/IESP-UERJ e pesquisador associado ao Finde/UFF

Blog: Democracia e Economia – Desenvolvimento, Finanças e Política

O **Grupo de Pesquisa em Financeirização e Desenvolvimento**

(FINDE) congrega pesquisadores de universidades e de outras instituições de pesquisa e ensino, interessados em discutir questões acadêmicas relacionadas ao avanço do processo de financeirização e seus impactos sobre o desenvolvimento socioeconômico das economias modernas. Twitter: @Finde_UFF

O **Grupo de Estudos de Economia e Política (GEEP)** do IESP/UERJ é formado por cientistas políticos e economistas. O grupo objetiva estimular o diálogo e interação entre Economia e Política, tanto na formulação teórica quanto na análise da realidade do Brasil e de outros países. Twitter: @Geep_iesp

O **Núcleo de Estudos em Economia e Sociedade Brasileira (NEB)** desenvolve estudos e pesquisas sobre economia brasileira, em seus diversos aspectos (histórico, político, macroeconômico, setorial, regional e internacional), sob a perspectiva da heterodoxia. O NEB compreende como heterodoxas as abordagens que rejeitam a hipótese segundo a qual o livre mercado proporciona a melhor forma possível de organização da economia e da sociedade.

[1] <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-03/congelamento-de-reservas-externas-ameaca-economia-russa>

[2] http://eng.sectesco.org/about_sco/

[3] <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/03/16/em-guinada-historica-sauditas-avaliam-vender-petroleo-em-yuan-a-china.ghtml>